

Ver-o-Peso

Lília Silvestre Chaves*

Lembro o recorte cinza do mercado em ferro.
No verde céu que se desmancha em água,
Ouço o chão líquido que vacila, a náusea.
Dos pregões, a música; deste peso, o berro.

.....

Mas há cheiro de vida revolvendo
No lixo destes lares flutuantes.
Há corpos feitos de sol e chuva e tempo,
Na lama de esperança apodrecendo.
Velas rasgadas se oferecem, murchas,
Ao resto de maré, ao léu do vento.
Há um gosto de força amargurada
Nesta lida molhada de miséria,
Da úmida cidade que se arrasta
Ao rumo deste rio, que vai morrendo.

Detalhe da "Feira do Ver-o-Peso", 1956 BALLONI, Armando. Óleo s/tela. Acervo MAB.

* Lília Silvestre Chaves é doutoranda em Letras na UFMF e professora da Universidade Federal do Pará